

## 5. Conclusão

Este trabalho foi resultado de uma pesquisa que se estendeu por cerca de dois anos e meio, tendo ao longo deste tempo percorrido dois diferentes percursos.

A idéia inicial era estudar um processo de produção primitivo, tradicional e simbólico, caracterizado por uma forte identidade tribal, fosse relativo às técnicas de produção ou pelos materiais utilizados e traçar um paralelo deste sistema simbólico mítico, com um panorama dos símbolos e imagens mágico-religiosos da contemporaneidade, abordando a diferença de como se opera o relacionamento entre a representação e significação nestas diferentes sociedades.

Para tanto, elegeu-se a ornamentação corporal Kayapó, como seu objeto de estudo. Pois a ornamentação corporal kayapó expressaria de maneira formal e sintética a compreensão que estes índios possuem de sua cosmologia, estrutura social, da relação com a natureza e da construção da identidade e da alteridade.

O objetivo da pesquisa era fazer uma análise estética e simbólica dos principais objetos desta atividade estética. Diante da impossibilidade de uma pesquisa de campo junto a esta sociedade, a metodologia utilizada foi conhecer e retratar os objetos pertencentes ao acervo do Museu do Índio no Rio de Janeiro e do MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Apesar de todo o esforço empreendido, o resultado da pesquisa muito se aproximava de um estudo com enfoque na estética. Desta forma, o objetivo inicial da pesquisa estava sendo posto em questão. Era necessário fazer uma transposição de toda a abordagem para uma linguagem mais próxima ao campo do design.

No início de 2006, a pesquisa começou a percorrer outro caminho, concluiu-se que era necessário trazer questões mais antropológicas que circundam a temática da iconografia indígena para o trabalho.

A nova abordagem enquadrou a iconografia indígena pelo viés do artesanato, e especialmente pela noção de cultura popular proposto por Néstor Canclini.

Um dos principais pontos apontados neste trabalho foi a revalorização das “culturas populares”, tema discutido no primeiro capítulo. Desta forma toda a discussão proposta neste capítulo se articulou através da relação entre o global e o local. Através desta reflexão, pudemos verificar que todo esse fenômeno de homogeneização cultural mundial, característico da pós-modernidade, gera uma certa busca por âncoras simbólicas e originalidade estética. Desta forma, a atual evidência do artesanato baseado em culturas tradicionais é um reflexo desta necessidade de suprir o vácuo deixado pela ausência de identidade e significados na pós-modernidade. Após esta reflexão, ficou clara a justificativa de se estudar a cultura material indígena hoje dentro do campo do design. Podendo-se afirmar que a cultura indígena é um dos aspectos mais relevantes e significativos que compõem a riqueza e pluralidade da identidade cultural do Brasil.

O segundo capítulo trouxe a ornamentação corporal indígena como tema de reflexão, assim como os índios kayapó, como estudo de caso.

Entre as manifestações estéticas indígenas, a ornamentação corporal ocupa um lugar de destaque, pois abrange dois aspectos fundamentais: a corporalidade e a noção de pessoa associada à construção de suas auto-imagens. A corporalidade neste contexto ocupa um lugar de primazia e uma posição organizadora central. O corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento. O corpo é um elemento através do qual se estabelece uma linguagem visual compartilhada.

Este capítulo nos permitiu perceber que em sociedades consideradas arcaicas, o simbolismo impregna toda a vida social, desta forma é mais direta a relação entre a cultura material e os outros aspectos da cultura, como a organização social e religiosa, as possibilidades e limitações do meio ambiente, a tecnologia disponível para o grupo. Desta forma, a produção do mundo material participa de maneira muito mais estreita das outras dimensões da vida. Os dois exemplos demonstrados neste trabalho sobre a produção de artefatos no universo dos índios Kayapó servem de ponto de partida para uma discussão ainda mais ampla sobre o conteúdo simbólico e a imaterialidade embutida nos objetos de nosso mundo de uma maneira geral. Demonstrem que as representações humanas nunca se desvinculam das necessidades e condições propícias para sua existência, de seus produtores e principalmente dos modos de produzi-los.

O último capítulo procurou apontar os relacionamentos estabelecidos entre o design e a iconografia indígena. Procurou refletir sobre as formas como se opera o cruzamento de linguagens tão heterogêneas.

Do lado popular, a transformação causada pelos processos globalizantes nos leva a refletir sobre a noção de identidades locais. Na vida urbana, os interesses mercantis cruzam-se com os históricos, estéticos e comunicacionais, onde as manifestações estéticas populares ou primitivas tornam-se passivas à encenação, pois as manifestações estéticas de tais comunidades, como o artesanato, estabelecem relações simbólicas com um modo de vida mais simples, com uma natureza nostálgica.

Na realidade, a cultura indígena sempre representou um dos principais ícones simbólicos das manifestações estéticas deste continente. No entanto, é interessante ressaltar que o relacionamento destes povos com a sociedade hegemônica foi sempre marcado por muitos conflitos.

Sobre a relação do design com a iconografia indígena, dois aspectos foram abordados, a apropriação que o designer faz deste repertório iconográfico e a intervenção do designer junto a grupos indígenas. Em primeiro plano verificamos a necessidade de o designer se posicionar de uma forma mais criativa, consciente e inteligente diante desta riqueza de elementos culturais proporcionado pela cultura material indígena, posicionamento este que deve se afastar de ultrapassados estereótipos.

De outro lado, a responsabilidade que assume ao intervir junto a comunidades indígenas no sentido de tornar seus produtos mais adaptados ao mercado global. Sobre este aspecto ainda permanece o questionamento sobre a legitimidade e a capacitação do designer para fazer esta intervenção.

Entre os múltiplos aspectos abordados nesta pesquisa, podemos apontar sua contribuição para o campo do design através de um trabalho que sugere um olhar e uma reflexão sobre o relacionamento deste campo com a iconografia indígena. Sugere que passamos a encarar a riqueza estética e simbólica destas inúmeras sociedades que vivem hoje no Brasil, a partir das nuances de suas diferenças, que seja diluído uma certa abordagem estagnada e acomodada, que ao se apropriar destas expressões estéticas, geralmente tendem a associá-las a um estereótipo construído pelo ocidente sobre suas imagens e sobre suas representações.

Podemos desta forma concluir, que todos os sistemas estéticos hoje estão em um intenso processo de transformação de seus capitais simbólicos. A realidade híbrida em que vivemos nos leva a circular constantemente em grupos cultos e populares, tradicionais e modernos.

Paralelamente, verificamos, o potencial que o design nacional apresenta hoje diante de um cenário global voltado para representações locais. Em um país constituído por uma estética múltipla e por uma pluralidade de manifestações populares, o campo do design, hoje mais do que nunca, encontra um terreno fértil para uma forte expressividade.